GUILHERME DE AZEVEDO

ALMA NOVA

POESIA

A ALMA NOVA

GUILHERME DE AZEVEDO

POESIA

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

SOBRE GUILHERME DE AZEVEDO

NOTA: Texto publicado no Álbum das Glórias, nº 14, Lisboa, Dezembro de 1880

Chegado de Santarém pelo comboio da manhã, ele entrou em Lisboa há onze anos trazendo consigo um livro primoroso — A Alma Nova.

Desde então até hoje a sua pena nunca mais cessou de correr no papel em alegres esfuziadas, que como um fogo-de-artifício estalam na página em arabescos luminosos e em estrelas rutilantes.

Não é possível estar mais na publicidade e ao mesmo tempo aparecer menos na evidência. Toda a gente o leu e ninguém pessoalmente o comece.

No meio do estrépito retumbante da sua obra, assinada pelos pseudónimos famosos de "Gil Vaz" ou de "João Rialto", na Lanterna Magica e no António Maria, ele,

encolhido, recluso, escorredio, atravessou a celebridade lisbonense pelo lado da sombra, caminhando no escuro em bicos de pés.

Os diferentes prazeres da glória, que consistem para o eleito em ser curiosamente apontado no Passeio Público pelas mulheres feias que infestam aquela região ao domingo de tarde, em ocupar uma cadeira em São Carlos e em ter um retrato fotográfico exposto nas vidraças da Rua do Ouro entre o de um bailarino e o de uma cocote — esses prazeres capitosos e ardentes, que tantas imaginações devoram no interior das nossas províncias -, Guilherme de Azevedo repeliu-os sempre com uma energia inexpugnável.

O Álbum das Glórias, abrindo nesta página um alçapão que faz tombar de chofre no meio do público a personalidade do organizador literário desta galeria, emprega a emboscada como único meio de trazer a lume esse perfil, o mais refratário às seduções da notoriedade.

Apesar de coxear um pouco, por defeito físico, como Lorde Byron, Guilherme de Azevedo é dos raros escritores que na imprensa caminham pelo seu pé. A maior parte dos jornalistas seus confrades andam pela mão, amparados às

ideias e ao estilo dos outros. Temos seguramente no país uns quinhentos ou seiscentos indivíduos perfeitamente habilitados para alinharem quotidianamente ao longo de uma gazeta três ou quatro colunas de frases aproximadamente corretas.

Cumpre unicamente advertir que essas frases nem exprimem as ideias nem representam os processos estéticos dos sujeitos que se encarregam de as reduzir ao sinal gráfico. São as frases que toda a gente respira no espaço e que se apanham no ar como as moscas. A prosa expressiva, artística, pessoal, dando a imagem viva de uma ideia através da força de um temperamento, essa é apenas mantida nos jornais portugueses por uns quatro ou cinco escritores originais, que vão adiante; e todos os demais, consciente ou inconscientemente, os seguem.

Guilherme de Azevedo é um desses chefes de fila. Ele possui em alto grau as grandes qualidades do jornalista moderno: a coragem da opinião, a fina sensibilidade mental perante a orientação científica do seu tempo, a suficiente dose de irreverência por todas as expressões de autoridade, e o poder da forma; — não da velha forma

clássica dos compêndios de eloquência, mas da forma irregular e individual que mete a alma do artista na expressão da sua ideia e transforma o vocábulo inerte na palavra alada de que fala Homero.

O estilo de Guilherme de Azevedo dobra-se com admirável flexibilidade a todos os caprichos da fantasia; de sorte que, dado o facto sobre o qual o artigo tem de ser bâclé para o jornal do dia seguinte, ele arranca-lhe de dentro em cinco tiras de papel tudo o que se lhe pedir: cabriolas, guinchos, métodos científicos, carrancas de palhaço, religiões, filosofias, busca-pés, baba de tigre, teorias de arte, formas de governo, bandeirolas, blasfémias ou pastilhas.

Exercendo uma considerável força de crítica e de mordacidade sobre os compadrios caturras da sociedade de Lisboa, ele nunca teve inimigos. Quando há meses partiu para Paris, onde presentemente reside, li eu num jornal que vinte e três dos seus amigos tinham ido dizer-lhe adeus. Vinte e três amigos, para um homem que não tem pelo menos dois ou três ministros fechados em cada mão, parece-me ser o mais expressivo elogio que se pode fazer à bonomia de um malicioso. E esse elogio Guilherme de

Azevedo merece-o mais que ninguém, porque nunca a fibra belicosa de um mais arrogante sapador revestiu o coração ingénuo de um melhor rapaz.

A Antero de Quental

Meu amigo,

Este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia.

E porque julgo que ele segue na direção nova dos espíritos, ofereço-o a um obreiro honesto do pensamento: a uma alma lúcida, moderna e generosa.

Dezembro de 1873.

Guilherme de Azevedo.

INTRODUÇÃO

Eu poucas vezes canto os casos melancólicos,

Os letargos gentis, os êxtases bucólicos

E as desditas cruéis do próprio coração;

Mas não celebro o vício e odeio o desalinho

Da musa sem pudor que mostra no caminho

A liga à multidão.

A sagrada poesia, a peregrina eterna,

Ouvi dizer que sofre uma afeção moderna,

Uns fastios sem nome, uns tédios ideais;

Que ensaia, presumida, o gesto romanesco

E, vaidosa de si, no cola ebúrneo e fresco,

Põe cremes triviais!

Oh, pensam mal de ti, da tua castidade!

Deslumbra-os o fulgor dos astros da cidade,

Os falsos ouropéis das cortesãs gentis,

E julgam já tocar-te as roçagantes vestes

Ó deusa virginal das cóleras celestes,

Das graças juvenis!

Retine a cançoneta alegre das bacantes,

Saudadas nos vagões, nos cais, nos restaurantes,

Visões de olhar travesso e provocantes pés,

E julgam já escutar a voz do paraíso,

Amando o que há de falso e torpe no sorriso

Das musas dos cafés!

Oh, tu não és, decerto, a virgem quebradiça

Estiolada e gentil, que vem depois da missa

Mostrar pela cidade o seu fino desdém,

Nem a fada que sente um vaporoso tédio

Enquanto vai sonhando um noivo rico e nédio

Que a possa pagar bem!

Nem posso mesmo crer, arcanjo, que tu sejas

A menina gentil que às portas das igrejas

Enquanto a multidão galante adora a cruz,

A bem do pobre enfermo à turba pede esmola

Nas pampas ideais da moda, que a consola

Das mágoas de Jesus!

E nas horas de luta enquanto os povos choram

E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,

Não posso dizer bem se acaso tu serás

A senhora que espalha os lânguidos fastios

''Zzzzzzzzzznos pomposos salões, sorrindo a fazer fios

À viva luz do gás!

Tu és a aparição gentil, meia selvagem,

De olhar profundo e bom, de cândida roupagem,

De fronte imaculada e seios virginais,

Que desenha no espaço o límpido contorno

E cinge na cabeça o virginal adorno

De folhas naturais.

Teus a linha ideal das cândidas figuras;

As curvas divinais; as tintas sãs e puras

Da austera virgindade; as belas correções;

E segues majestosa em teu longo caminho

Deixando flutuar a túnica de linho

Às frescas virações!

Quando trava batalha a tua irmã Justiça

Acodes ao combate e apontas sobre a liça

Uma espada de luz ao Mal dominador:

E pensas na beleza harmónica das cousas

Sentindo que se move um mundo sob as lousas

No gérmen duma flor!

Num sorriso cruel, pungente de ironia,

Também sabes vibrar, serena, altiva e fria,

O látego febril das grandes punições;

E vendo-te sorrir, a geração doente,

Sentir cuida, talvez, a nota decadente,

Das mórbidas canções!

Oh, voa sem cessar traçando nos teus ombros

O manto constelado, ó deusa dos assombros,

Até chegar um dia às regiões de luz,

Aonde, na poeira aurífera dos astros,

Contrito, Satanás enxugará de rastos,

As chagas de Jesus!

Lugar à minha fada ó lânguidas senhoras!

E vós que amais do circo as noites tentadoras,

Os flutuantes véus, os gestos divinais,

Podeis vê-la passar num turbilhão fantástico,

Voando no corcel febril, nervoso, elástico,

Dos novos ideais!

Eu vi passar, além, vogando sobre os mares

O cadáver de Ofélia: a espuma da voragem

E as algas naturais serviam de roupagem

À triste aparição das noites seculares!

Seguia tristemente às regiões polares

Nos limos das marés; e a rija cartilagem

Sustinha-lhe tremendo aos hálitos da aragem,

No peito carcomido, uns grandes nenúfares!

Oh! Lembro-me que tu, minha alma, em certos dias

Sorriste já, também, nas vagas harmonias

Das cousas ideais! Mas boje à luz mortiça

Dos astros, caminhando; apenas as ruínas

Das tuas criações fantásticas, divinas,

De pasto vão servindo aos lírios da justiça!

VELHA FARSA

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco

Dum mundo que desaba; aí vai tudo em tropel!

Vão ver passar na rua um velho saltimbanco

E uma fera que dança atada a um cordel.

Ó funâmbulos vis, comediantes rotos,

O vosso riso alvar agrada à multidão!

E quando vós passais o arcanjo dos esgotos

Atira-vos a flor que mais encontra à mão!

Lá vai tudo a correr: são as grotescas danças

Duns velhos animais que já foram cruéis

E agora vão sofrendo os risos das crianças

E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabelado e pálido,

Da fera sanguinária o instinto vil e mau,

E vai chicoteando um urso meio inválido

Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lha beije

A fera legendária olhada com pavor:

E uma deusa gentil, vestida de barege,

Anuncia o prodígio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao colo uns filhos enfezados

Que nunca tinham visto a luz dos ouropéis:

E acresce à multidão a turba dos soldados,

— ao hilota da cidade o escravo dos quartéis.

E o funâmbulo grita; impõe qual evangelho
À turba extasiada a grande narração.
E sobre um cão enfermo um orangotango velho
Passeia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligeirai o passo,
Deixai a grande lida e vinde à rua ver
As prendas duma fera, as galas dum palhaço,
E um arcanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens, ó povo legendário
No cómico festim que mal podes pagar,
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedário
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.

GRAÇA PÓSTUMA

Depois da tua morte eu hei de ver se arranco,

Numa noite serena, ao teu berço final,

Um produto mimoso; — um grande lírio branco

Da alvura do teu colo ebúrneo e divinal!

Aquela flor suave, ó minha visão etérica,

Debruçada gentil, na taça em que a puser,

Far-me-á lembrar a graça cadavérica

Do teu corpo franzino e etéreo de mulher!

E mesmo conterá, decerto, alguma cousa

Do que me traz submisso e preso ao teu olhar:

— Teu corpo a pouco e pouco irá fugindo à lousa

Depois tornado em lírio à terra há de voltar! —

E em longas noites, nele, eu beberei sozinho,

Sonhando as convulsões duns lindos braços nus,

A fragrância que exala a candidez do linho

Em que hoje ondeias leve e onde os meus lábios pus,

— Saudando a boa mãe que faz com que eu te goze

Depois do verme vil teu seio poluir,

Mais pura no frescor de tal metamorfose

Do que eras a cismar, do que eras a sorrir!

Ó minha doce Ofélia! Os rápidos momentos

Da vida são cruéis mas passam como um som!

Um dia quando enfim dos velhos sedimentos

Teu corpo renascer num lírio imenso e bom,

Talvez que eu durma já também sob os matizes

Das flores, ao sorrir das mil germinações,

Dando um pasto fecundo às tuas sãs raízes

Depois de te sagrar as últimas canções!

HISTÓRIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,

De espádua larga e rija; um ceifador gentil.

Cavava todo o dia, andou sempre contente

E a féria dava à mãe sem falta dum ceitil.

Ele amava a campina e os céus largos, serenos.

Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.

Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fenos,

Na fragrância do trevo, ao pé dos cães fiéis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:

Num cerro agreste e vil alguns palmos de chão.

E tinha ainda mais não sei quantas crianças

Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pai mal se sustinha às vezes sobre as pernas:

Era bêbado e mau, batia na mulher;

E à noite, ao cintilar dos vinhos nas tabernas.

Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,

Esplêndida, gentil, sabendo-se sorrir,

Reparou no rapaz; achou-lhe própria a idade

E fez-lhe um certo gesto: — o moço não quis ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excelência.

Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!

Despediu-se dos seus: devia obediência

À senhora gentil que se chamava... A Lei!

Pegou no velho alforge e no bordão nodoso

E meteu-se a caminho. Os pobres dos irmãos

Choravam à partida: — um quadro doloroso!

A mãe louca de dor torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram

Primeiro foi medido e todos a final,

Depois de bem revisto, à uma, concordaram

Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aqueloutra senhora, astuta, grave, terna,

— A Ordem — jubilava em doces pulsações!

Contava mais um servo, um filho, na caserna,

Gastando pouco mais: — uns cobres e uns feijões!...

Agora quando passa o batalhão luzente

Na rua, podeis ver o pobre cavador

Com modos imbecis, marchar pesadamente

— herói por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!

Perguntem-lhe o que é pátria e liberdade e lei!

Caminha simplesmente às ordens dos prebostes

Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva

O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;

Alguns pequenos nus rolando sobre a erva,

E um ébrio que pragueja e não pensa em ninguém!

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bela:

Enquanto na campina alouram os trigais,

Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinela:

Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

Em breve ele virá de júbilo e de assombro

Encher tua alma, enfim, quando amanhã voltar

Com seu velho canudo, a trouxa posta ao ombro,

Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

E tu perguntarás: o que é meu filho, é ouro!

A quantas guerras foste? Ó céus, como tu vens!

— Mãe tome essa lata! Esconda o meu tesouro

E deixe-me ir dormir no feno ao pé dos cães!

À mesa do festim, cercada de formosas,

O canto dos cristais e o cintilar dos vinhos

Saudavam juntamente os belos desalinhos

Das galantes visões das ceias luminosas!

Molhavam-se em champanhe as pétalas das rosas!

E em baixo, a nossos pés, em leves murmurinhos

A gaze sobreposta à candidez dos linhos

Erguia-se num mar de vagas caprichosas!

Ali tudo era paz! Nem ódios vis nem zelos!

Os lábios pois limpando às rendas e aos cabelos

Da menos trivial das fadas tentadoras,

Eu brindo aos mortos! — disse: à legião sagrada

Que foi à solidão, à eternidade, ao nada!

— Às almas e ao pudor destas gentis senhoras.

OS SONHOS MORTOS

Embora triste a noite, a vagabunda lua

Mais branca do que nunca erguia-se nos céus,

Igual a uma donzela ingénua e toda nua

No leito ajoelhada erguendo a fronte a Deus!

O mar tinha talvez cintilações funestas.

A praia estava fria, as vagas davam ais;

Semelhavam, ao longe, as extensas florestas

Fantasmas ao galope em monstros colossais.

E eu vi num campo imenso, agreste e desolado,

Imerso no fulgor diáfano da luz,

Juncando tristemente o solo ensanguentado

Sinistra multidão de corpos seminus!

Tinha a morte cruel, em sua orgia louca,

Deposto em cada fronte um ósculo brutal;

E um irónico riso ainda em muita boca

Se abria, como a flor fantástica do mal!

E eu vi corpos gentis de virgens delicadas

Beijando a fria terra, as mãos hirtas no ar,

Em sagrada nudez!... Cabeças decepadas!...

Em muito peito ainda o sangue a borbulhar!...

E sobre a corrupção das brancas epidermes

Luzentes de luar e de esplendor dos céus,

Orgulhosos passando os triunfantes vermes,

Da santa formosura os últimos Romeus!

Se tu, a minha alma livre ainda hoje conservas

Memórias das visões que amaste com fervor

Aí as tens agora alimentando as ervas

De novo dando à terra o que ela deu à flor.

São elas! As visões dos meus dias felizes,

Meus sonhos virginais, as minhas ilusões,

Que a seiva dão agora aos vermes e às raízes,

Que em pasto dão seu corpo a novos corações!

São as sombras que amei, divinas, castas, belas;

As quimeras gentis, os vagos ideais,

Que de rosas cingi, que iluminei de estrelas,

E que não podem já da terra erguer-se mais!

FALA A ORDEM

Pequena, donde vens cantando a MARSELHESA;

Da barricada infame, ou doutra vil torpeza?

Que esplêndido porvir! Do nada apenas sais

Começas a morder as púrpuras reais

Ó filho trivial da lívida canalha!...

E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha?!

Não tremas que eu bem vi! Que trazes tu na mão?

Intentas já limar as grades da prisão,

Fazendo cintilar um ferro contra o sólio

Arcanjo que adejais nos fumos do petróleo?!...

Mas, vamos, abre a mão: não queiras que eu te dê.

Bandido eu bem dizia! — a carta do ABC!

Ó lírios da cidade, ó corações doentes

Das vagas afeções modernas e galantes;

Eu sei que vós morreis aos sons agonizantes

Das orquestras febris, — nos sonhos dissolventes!

Sois os fulcros gentis que balançais pendentes

Nas árvores da vida; e os pobres viajantes

Famintos de ideal, sorriem triunfantes

Julgando-vos colher nas seivas inocentes!

E tragam com fervor o pomo apetecido

Que deve ter um mel oculto no tecido,

— um raio bom do sol que nos sorri tão alto;

Mas vós que sois da moda um luminoso aborto,

Como os frutos cruéis das margens do mar morto

Apenas contendes dentro uma porção de asfalto!

MISÉRIA SANTA

Entrando esta manhã num templo da cidade

Aberto à multidão mas triste e quase só,

O ver ao desamparo a velha majestade

Num trono a desabar, meteu-me certo dó.

Restavam tão-somente alguns dourados velhos

Do passado esplendor, e foi-me fácil ver

Que uma nuvem de pó cobria os evangelhos

Como coisa esquecida e imprópria de se ler!

A virgem, sobretudo; a mãe predestinada

Que o Gólgota lavou nas lágrimas de fel

Que sempre há de chorar toda a mulher amada,

Ou seja a mãe de Cristo, ou seja a de Rossel;

Achei-a desolada e triste lá num canto,
Sem pompas e sem luz, coberta de ouropéis
Tão velhos como o roto e desbotado manto
Que há muito, já, deveu à crença dos fiéis!

Dizer-me pode alguém de afetos bons e puros
Que eu posso ainda encontrar as belas catedrais
Aonde o simples Cristo e os mártires obscuros
Campeiam no fulgor de pompas teatrais.

Bem sei; mas como disse, o acaso ou o quer que fosse
Levou-me a um templo pobre e foi nele que vi
Que há mendigos do céu, de olhar sereno e doce,
Proletários do altar a quem ninguém sorri!

E ao ver esta humildade — eu tenho disto às vezes —

Pensei, não sei porquê, nas mórbidas visões

Que não passam de ser as filhas dos burgueses

Mas de rendas de França enfeitam seus roupões!

ASTRO DA RUA

Fazia ontem já tarde um nevoeiro espesso.

— Que insónia em mim produz este húmido vapor! -

Eu vinha enfastiado, ou turvo, enfim confesso,

Dos fumos do café, da luz e do rumor.

Um fantástico véu cobria as longas praças;

E o gás ria através da grande cerração

Que em lágrimas descia ao longo das vidraças

E em flocos de alva neve humedecia o chão.

Eu mesmo achava em tudo um tom maravilhoso.

Dispus-me a crer no céu a amar este ideal:

De súbito eis que passa um astro radioso

Luzindo-me através do mágico cendal!

Que vaga exalação ó coisas vis que adoro!

Que belo olhar de Deus, deixai-me assim dizer!

Pelo sulco de luz julguei um meteoro,

Pelo aroma subtil sonhei uma mulher!

Passou porém, fugiu: no fim eis em resumo

A sua breve história! O sonho é sempre assim!

Há cousas que ao passar ainda deixam fumo:

Aquela só deixava um vácuo dentro de mim.

Arcanjos caminhai, que eu espero o grande dia

Da nossa atirou vingança, ó déspotas do céu!

Nossa alma anda algemada à vossa tirania

Mas há de erguer-se a escrava... — Assim dizia eu

E a mesma aparição de novo a deslumbrar-me!

De novo a mesma aurora o espaço a iluminar!
Agora pude vê-la e posso recordar-me
Dos abismos de luz que havia em seu olhar.

O astro vinha envolto em nuvens de escumilha:
De resto era uma fada, eu mais não sei dizer.
Deixava atrás de si um aroma de baunilha
De um louco se abismar de um pobre enlouquecer!

Quem quer que sejas tu, que sejam sempre belos
Teus céus sem vendaval, teus dias sem revés!
Feliz de quem puder beijar os teus cabelos
E aos lábios aquentar os teus pequenos pés!

— Dizendo caminhei. Porém novo prodígio!

Ainda a perseguir-me a mesma aparição

E eu ainda sentia o lúcido vestígio

Que há pouco em mim deixara a outra exalação!

Mas agora reparo, atento na sua chama!

Que olhar tão insolente, o céu não luz assim!

Na gaze que ela arrasta há um debrum de lama,

Na face macerada uns traços de carmim!

Oh! Astro! Enfim conheço a órbita que traça

O teu curso veloz! Bem sei onde tu vais!

Prossegue no teu giro em volta dessa praça

E Deus te dê mais luz e menos lamaçais.

Quando Marta morrer, depois do extremo arranco,

Não tratem de orações;

Desprendam-lhe o cabelo e vistam-na de branco

À moda das visões.

Desejo vê-la então passar desta maneira

Depois de tal revés,

Por entre a chama azul e ténue da poncheira

No fumo dos cafés.

Aquele bom país das pálidas quimeras,

Monotonia azul;

Não temam que ela vá no fogo das esferas

Queimar o véu de tule.

Assusta-a muito o frio, a chuva, o sol dos trópicos

A nuvem triste e vã,

E podem-lhe prender os pés tão microscópicos

As névoas da manhã!

De noite ela virá com seus trajes singelos,

Arcanjo doutros céus,

Nos suspiros febris dos meigos violoncelos

Dizer-nos mal de Deus.

Contar-nos porque foge à doce transparência

Que o céu formoso tem,

Meiga filha gentil da mesma decadência

Que é nossa boa mãe.

Se as lágrimas de luz que chora o firmamento

Em noites de luar,

Ao seu pescoço nu pudessem, num momento,

Cingir-me num colar;

Decerto ela daria ao pálido cometa

E à estrela trivial,

A mesma adoração que dava à cançoneta

Que amou até final!

E à saída do circo, ao astro romanesco,

A noite iria, então,

Contar, ainda a sorrir, o ardor funambulesco

Do lívido truão!

Assim, não quer ouvir aos coros invisíveis

Um hino de enfadar,

Cantado por milhões de arcanos insensíveis

Sem um que a possa amar!

E não lhe esquecem nunca os rápidos instantes

Do que ela amava mais:

— a vida iluminada à luz dos restaurantes

Num sonho de cristais!

AS VÍTIMAS

Eu vejo muita vez e raro já me assombro

— minha alma tanto afiz às tristes comoções! -

Na rua, junto a mim, passar ombro com ombro

No trânsito penoso as longas procissões,

De vítimas da sorte e vítimas do mundo!

Umas boas, gentis, outras feias, cruéis,

Envoltas num sudário ou num burel imundo;

Nas pompas teatrais, nas galas dos bordéis,

Não são filhas do sonho ou criações quiméricas

Da mente alucinada, ou vagos ideais;

São magros peitos nus, são faces cadavéricas,

São as tristes, as vis desolações carnais.

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola
Nas lamas encharcando os regelados pés:
Que dormem nos portais, que nunca vão à escola
— flores que enfeitarão a noite das galés!

São aquelas gentis e pobres costureiras
De peito comprimido; anémica expressão;
Que passam a tossir, cansadas, com olheiras,
Ganhando em todo o dia apenas um tostão,

Curvadas a coser o lânguido veludo,
O irritante cetim dos grandes enxovais,
Das princesas do Banco, herdeiras disto tudo;
Depois indo morrer nos tristes hospitais!

São os pobres heróis que os seus irmãos combatem;

Que morrem sob o peso enorme dos canhões,

E o cortejo de mães pedindo aos reis que as matem

E os reis fazendo rir das suas maldições!

São da lúgubre noite umas flores sem nome

Batidas muito já dos grandes vendavais,

Que, porque sentem frio ou porque sentem fome,

Derramam pelo seio aromas triviais

E fingem depois ser aparições divinas,

Erguendo um pouco a saia, a fímbria sensual,

Abrindo um vil leilão de beijos, nas esquinas,

Aos apetites vis da multidão brutal!

São mineiros sem luz; são velhos britadores,

Que o contacto da pedra um dia endureceu,

Queimados pelo sol, gelados nos horrores

Do túmulo cruel que em vida os recebeu!

São aqueles heróis, enfim, dos grandes sonhos,

Que sentiram na terra as vastas corrupções

E às turbas apontando uns mundos mais risonhos

Tentaram espedaçar os últimos grilhões

E que passam também um tanto contristados,

Talvez cheios de tédio, ao verem que hoje, nós,

Os deixamos seguir ainda apedrejados

Não raro desprezando a sua augusta voz!

E a grande multidão de mártires sublimes,

De tristes seminus, constante a caminhar,

Aos céus erguendo as mãos, queixando-se dos crimes

Dos déspotas que aos pés não cessam de os calcar!

A fila tenebrosa, a procissão de vítimas,

Aumenta mais e mais; não deixa de crescer!

E do estigma cruel das penas mais legítimas

Em muita fronte bela um traço podeis ver!

Caminhe muito embora: a sorte é sempre vária

E a turba sofredora, ó grandes bem sabeis,

Podia dividir a túnica cesárea

Lançando aos que estão nus a púrpura dos reis!

EVOCAÇÃO

Levanta-te Romeu do túmulo em que dormes

E vem sorrir de novo à boa, à eterna luz!

De noite, ouço dizer que há sombras desconformes

E as noites do passado, oh, devem ser enormes

Na atonia fatal das larvas e da cruz!

Conchega gentilmente ao peito carcomido

Os restos do teu manto: — assim, que bem que estás!

Na terra hão de julgar-te um grande Aborrecido

Que busca desdenhoso o centro do ruído

Nas horas vis do tédio e das insónias más.

O mundo transformou-se; aquele fundo abismo

Do antigo amor fatal, fechou-se duma vez,

E tu filho gentil do velho romantismo,

Tu vens achar dormindo o rude prosaísmo

No berço onde sonhava a doce candidez!

No entanto podes crer; faz muito menos frio

À luz do novo sol; do gás provocador;

E o século apesar de gasto e doentio,

Não pode já escutar o cântico sombrio

Que fala de ideais e cousas sem valor!

Em paz deixa dormir a terna Julieta

Que aos céus ainda por ti levanta as brancas mãos;

E enquanto por mim corre a tétrica ampulheta,

Da musa alegre e vil da torpe cançoneta

Saudemos a nudez a par dos bons pagãos!

Nas praças, tu bem vês; a turba prazenteira

Inunda-se na luz de mil constelações!

E os arcanjos da rua assomam na poeira

Que exala o macadame, trazendo em cada olheira

O astro criador das grandes sensações!

E quando a cotovia à estrela matutina

Mandar a saudação. Lá fora, em pleno céu,

Romeu tu beijarás, que é tua eterna sina,

A trança da beleza anémica e franzina

Que entre os fumos da festa, a amar, adormeceu!

Boas noites coveiro: a tua enxada

Não cessa há tanto tempo de cavar?!

Cavaleiro da morte, ó fronte desolada,

Não sentes a mão trémula e cansada

De tanto trabalhar!

Tu esperas hoje as legiões sombrias

De mortos, que eu suponho ao longe ver?

Os felizes caídos nas orgias

E os tristes que além todos os dias

O gelo vem colher?!

Que imensa vala aberta! São medonhos

Os risos dessa boca infame, alvar!...

Descansa dos teus dias enfadonhos!

— Eu cavo a sepultura dos teus sonhos

Não posso descansar!

FLOR DA MODA

Alice, o turbilhão das salas elegantes,

Começa a entristecer; ninguém sabe porquê!

Aquela flor doente amava muito dantes

As festas, o ruído, as coisas deslumbrantes,

Agora é desolada e penso que descrê.

Que tédio se abrigou na vaga transparência

Dum todo tão subtil, aéreo, divinal,

— moderna criação da santa decadência,

Que alia gentilmente às pompas da regência

Os indecisos tons dum ar sentimental?!

Arcanjo por quem és! Desvenda esse mistério

Das vagas opressões da tua insónia má,

E diz-me o teu sonhar visão do baixo império,

Vestal que amas o gás e tens o fogo etéreo

Na conta duma cousa um tanto usada já!

No idílio pastoril das noites venturosas

Não sonhas tu decerto, e raro o hão de sonhar

Num mundo todo nosso, as belas desditosas

Que em trinta anos de fogo as suas velhas rosas

Nos grandes vendavais sentiram desbotar!

E quando a augusta voz do mar ou das florestas

Abala o coração dos justos e dos bons,

Bem sei que tu não vais, fugindo às grandes festas,

No amor das castelãs cismar entre giestas

Com medo que te acorde a bulha dos wagons!

Eu sei talvez teu mal! A febre que hoje sentes

Abrasa a geração de lírios ideais

Que passam, como tu, galantes e doentes,

Dum amor desordenado às causas dissolventes,

Às vozes da guitarra e aos cantos sensuais!...

E tem de os consumir a grande nostalgia

Dum mundo mais à moda e menos trivial,

Onde haja um grande caso, ao menos, cada dia

E se possa esquecer a vil monotonia

De tudo que nos cerca: — Alice eis o teu mal!

No entanto eu sei que és boa: apenas das insónias

A febre, mãe cruel de estranhas sensações,

Na fria placidez do gás e das begónias

Constrói na tua mente as grandes babilónias

Dum mundo extraordinário e monstro de visões!

Tocou-te um mal galante: és ténue e caprichosa:

És boa e fazes gala em que te julguem má.

E sentes sobretudo uns tédios cor-de-rosa

E os êxtases cruéis duma mulher nervosa:

Se existe a mulher-flor, tu és a flor de chá!

E chame-te o bom Deus ao foco aonde brilha

Aquela eterna luz, amor dos imortais,

Que tu amortalhada em rendas e escumilha

Achar deves, talvez, da moda, ó terna filha,

O céu modesto um pouco e os anjos triviais!

Ó máquinas febris! Eu sinto a cada passo,

Nos silvos que soltais, aquele canto imenso,

Que a nova geração nos lábios traz suspenso

Como a estância viril duma epopeia de aço!

Enquanto o velho mundo arfando de cansaço

Prostrado cai na luta; em fumo negro e denso

Levanta-se a espiral desse moderno incenso

Que ofusca os deuses vãos, anuviando o espaço!

Vós sois as criações fulgentes, fabulosas,

Que, vibrantes, cruéis, de lavas sequiosas,

Mordeis o pedestal da velha Majestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem

Começam, num cadinho, a refundir o homem

Fazendo ressurgir mais larga a Humanidade!

A CRISTO

Precisamos Jesus, se não Te sentes velho,

Que cinjas novamente o resplendor da luz

E venhas explicar a letra do evangelho

A muitos que hoje vês prostrados ante a cruz!

Ainda não cessou, de todo, essa contenda

Que um dia, há muito já, tentaste debelar:

E aqueles que são bons e adoram Tua lenda

Desejavam também ouvir-Te hoje falar.

Apenas ressoasse o Teu verbo indignado,

O látego febril das grandes corrupções,

Iria atrás de Ti um mundo revoltado

Que sente na consciência a luz das redenções.

E embora não houvesse, aqui, outra alma gémea

Da Tua, e tão ungida em bálsamos dos céus,

Havias de encontrar essa alma de boémia

Que sonha uma justiça e sente em si um Deus!

Mas não, não voltes cá: Teu corpo combalido

Não pode suportar os gelos da manhã.

Precisavas de pão, de abrigo e de vestido

E a vida aqui é cara e longo o macadam!

Terias de encontrar, decerto, mil estorvos

No mundo revolvido, e escuta-me Jesus:

Se não fosses, enfim, comido pelos corvos

Talvez Te fuzilasse um cura Santa-Cruz!

Serias apontado a dedo, muitas vezes,

Como um simples bandido, um agitador feroz,

E haviam de esconder seus ouros os burgueses

Apenas ressoasse, ao longe, a Tua voz!

Depois vinhas achar a par do proletário,

Ao pé do que se inunda em bagas de suor,

Aquele velho Pedro, agora milionário,

E triste por pensar que já esteve melhor!

E perto do ócio vil à sombra do qual medra

O egoísmo feroz que extingue o coração,

Lutando todo o dia o britador de pedra

A quem à noite espera, em casa, um negro pão;

E uns pequenos sem cor; talvez cheios de fome,

Com pouca luz no olhar; atrofiados, nus;

Abrindo os olhos muito à côdea que ele come

E indo-se deitar sem roupas e sem luz!

Assim deixa-Te estar. O Teu cadáver triste

Recende uma fragrância etérea e divinal,

Enquanto o mundo segue e vai de lança em riste

Sem tréguas combatendo as legiões do Mal!

Tu foste o paladino, o trovador sagrado,

Que falaste do amor, da paz e do perdão,

E o ferro que varou Teu corpo lado a lado

Contudo inda reluz altivo em muita mão!

Nós, hoje, quando em luta erguemos sobre a liça

O gládio vingador das opressões cruéis,

Soltamos, num sorriso, o nome da Justiça,

E há quem saiba morrer sem bênçãos nem lauréis!

Descansa pois Jesus! Bem basta que Tu sintas,

Nesse velho sepulcro, o imenso vozear

Dos mineiros sem luz, das legiões famintas,

Que nunca, um dia só, deixaram de lutar,

Mas que hão de enfim vencer, porque a suprema essência

A jorros cai do Céu nas mãos dos Prometeus,

E tanto vai subindo a vaga da consciência

Que um dia há de abismar-se em nós o próprio Deus!

Eu tive um sonho estranho: ouvi que vou dizê-lo.

Era em praia deserta, em frente a um longo mar:

Nos céus havia a névoa, a mãe do Pesadelo,

E o vago, o incerto, o informe em tudo a oscilar!

De súbito surgiu, na praia, uma criança

De olhar profundo e bom, de angélica expressão,

E o mar contemplou com tanta confiança

Que nem que visse nele o berço dum irmão!

Mas a vaga subindo, em cada extremo arranco

Levando ia consigo aquela flor dos céus!

E em breve só boiava um ténue vulto branco

No mar onde flutua o espírito de Deus!

Mais tarde à beira-mar chegava a pura imagem

Da mais casta mulher que em vida pude ver.

Detinha-se distante: — a espuma da voragem

Só meia extenuada aos pés lhe ia morrer! -

O imenso mar, porém, crescia a cada instante

Mais turvo e mais veloz! Depois... Não quis ver mais.

Ergui-me e caminhei de vale em vale errante

Pensando tristemente em coisas ideais! -

Ao longe, muito além, na serra desviada

De súbito encontrei — ó estranha aparição! -

Uma pobre velhita enferma e desolada

Trazendo já no olhar a grande cerração!

Que ideia me assaltou não sei dizê-lo agora.

Aonde iria o espectro, aquela sombra vã?

Iria aonde vai o que ontem foi aurora

E aonde irão também as rosas de amanhã?...

Dos meus instantes bons, ó lúcida quimera,

Bem vês que os sonhos maus são fáceis de esquecer!

Que importa a grande noite em plena primavera,

Que importa o que tu foste, o que és, e o que hás de ser!!

O GRANDE TEMPLO

Eu não trajo o burel do magro cenobita

Nem me posso infligir cruéis macerações;

Mas não rio de alguém que busca a paz bendita

No seio casto e bom das grandes solidões.

Bem sei que há na montanha aromas penetrantes

E certas vibrações que podem fazer mal;

Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes

Amá-Lo com fervor no templo universal!

Enquanto sobre o altar das serras azuladas

Mil lâmpadas do céu derramam toda a luz,

Nas velhas catedrais, já meio arruinadas,

O tempo — o grande verme! — até devora a cruz!

Depois é fácil ver, por entre os arabescos,

Que a arte sensual traçou com tanto amor,

As vezes, o sorrir dos Sátiros grotescos

Pungindo cruelmente a face do Senhor.

Ou mais; podemos nós voar todos cativos

Do sereno ideal, daquele sumo bem,

Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos

Olhando de revés a virgem nossa mãe?!

E ainda mil traições: as músicas, as flores,

Os lindos serafins voando todos nus;

Da seda que se arrasta os lânguidos rumores,

Do incenso as espirais; os turbilhões de luz!

Oh! Visto haver de tudo; aromas e decotes,

O vinho cintilante, a viva luz do gás;

Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes,

Não cante apenas Deus; que solte alguns hurras!

O fumo dessa festa, a mim, pouco me assusta.

Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar,

Eu tenho o vale profundo ou a floresta augusta,

As montanhas, os céus, e o belo, o vasto mar!

Da casta natureza ó templo gigantesco,

Tu és mais amplo, sim; mais livre, muito mais!

O meigo e doce olhar do Cristo romanesco

A multidão gentil não chama aos teus umbrais.

A UM CERTO HOMEM

Agora és todo nosso: a rude voz da história

Já pode hoje falar

E dar-te um balancete às nódoas e à glória

Rei-Sol de boulevard.

Que dias de esplendor! Porém como começa

A noite e a podridão!

Foi Deus que te mandou também para a Lambessa

Da eterna punição!

Enfarda a tua glória e leva-a que é vergonha

Que vejam amanhã,

Que até lhe depenou as águias de Bolonha

O abutre de Sedan!

E visto que em redor nenhuma estrela brilha

E a noite é longa e má,

No caminho do opróbrio acende a cigarrilha

E, césar, ouve lá:

Que altiva e bela a França! Aquela Gália ardente

Que de Valmy levou,

Descalça, quase nua; a Marselhesa em frente;

Nossa alma até Moscow!

Seus filhos têm a foice: envergam rudes clâmides

Depois, caminham sós;

E enquanto ceifam reis acordam nas Pirâmides

A alma dos Faraós!

E vão cheios de fé, bandeira solta ao vento,

Na gleba das nações,

Convictos semeando o novo pensamento

No sulco dos canhões!

Mas tu chegas um dia: afogas-lhe a grandeza

E quando a tens aos pés,

Celebras a vitória aos hinos de Teresa,

A musa dos cafés!

Banquetes dás ao crime; e os teus heróis de esquina

Ainda a afrontam mais,

Tornando a Marselhesa em torpe Messalina

Dum circo de chacais!

E sobre alguns montões de mortos ainda quentes,

Enfim campeias, tu,

Que deste à sagração das cousas dissolventes um

Petrónio Sardou!

Porém, quando ao comer ainda um beijo à Fama,

Um dia avanças mais,

Teu carro triunfal trambolha-te na lama

E então como tu sais!

Revolves-te no horror das vis, infectas ondas

De lodo e podridão,

E vais de manto roto e vestes hediondas

Buscar a escuridão!

Em vez de reclinar a fronte ao sol ardente

Da luta que sorri,

Do fumo dos canhões fugiste, e de repente...

Matou-te um bisturi!...

Que entrada a tua, então, na fúnebre morada,

Pisando, incerto, o pó,

À luz duma lanterna, ao vir da encruzilhada,

Sinistro, sujo e só!

Das cinzas levantou-se um brado entre os jazigos

Dos bons e dos leais,

Apenas descobriste a marca dos castigos

Nas faces triviais!

E quando te assustava o olhar altivo de Hoche

E o gesto de Danton,

Sorria-te na sombra o amor da Rigolboche

Meu césar-Benoiton!

À HORA DO SILÊNCIO

Eu quis ontem sonhar, sentir como um romântico
A doce embriaguez do pálido luar,
Ouvindo em pleno azul passar o imenso cântico
Dos astros no seu giro e em sua luta o mar!

A cidade dormia o sono dos devassos;
Aquele sono turvo, infecto e sensual:
E a lua, antiga fada, erguia nos espaços
Tranquila e sempre ingénua a fronte de vestal!

E sobre a quietação das coisas vis e exóticas
Sentiam-se as febris, cruéis respirações,
Dos tristes hospitais e das virgens cloróticas,

Dos amantes fatais da febre e das paixões!

A noite era em silêncio, a atmosfera doce

E ria a natureza aos beijos dum bom Deus.

De súbito escutei, ao longe, o quer que fosse

Dum canto que supus então baixar dos céus!

Atento ao vago som, porém, a pouco e pouco

Senti que era uma voz disforme e sensual,

Soltando uma canção naquele acento rouco

Da triste inspiração alcoólica e brutal! ...

O terna vagabunda, enamorada lua!

Enquanto ias assim, diáfana e sem véu,

Uma triste mulher passava, então, na rua

Cuspindo uma porção de infâmias para o céu!

Eu quisera depois das lutas acabadas,

Na paz dos vegetais adormecer um dia

E nunca mais volver da santa letargia,

Meu corpo dando em pasto às plantas delicadas!

Seria belo ouvir nas moutas perfumadas,

Enquanto a mesma seiva em mim também corria,

As sãs vegetações, em intima harmonia,

Aos troncos enlaçando as lívidas ossadas!

Ó beleza fatal que há tanto tempo gabo:

Se eu volvesse depois feito em jasmins do Cabo,

— gentil metamorfose em que nesta hora penso; -

Tu, felina mulher com garras de veludo

Havias de trazer meu espírito, contudo,

Envolto muita vez nas dobras do teu lenço!

O VELHO CÃO

Soltava ontem já tarde um velho cão felpudo

Uns doloridos ais,

Em frente dum palácio altivo, belo e mudo,

Cerrado aos vendavais.

Fazia pena ouvi-lo, o mísero molosso

Em seu triste chorar!

Era quase uma sombra: apenas pele e osso

E um vago, um doce olhar!...

Eis a sorte cruel do pobre que não come,

Dos míseros sem pão!

Em paga ainda em cima os vai tragando a Fome,

A negra aparição!

Latia o cão faminto. O frio era mordente,

Feroz, quase voraz!

E o pobre não sabia, enfim, que há muita gente

Que adora a santa paz.

Ora perto vivia uma galante rosa,

Etérea, virginal,

Que tinha um lindo colo, amava, era nervosa

E a quem fazia mal,

Aquele uivar sinistro; a ponto de em desmaios

Pender a fronte ao chão!

Saíram pois à rua impávidos lacaios

E foram dar no cão.

— Há no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado,

— o povo sofredor,

Que às vezes vai ganir, com fome, o seu bocado

Às portas dum senhor.

O resto é velha história: ocioso é já dizer-vos

O fim que ela há de ter.

A Ordem, só de ouvi-lo, alteram-se-lhe os nervos

E manda-lhe bater!

AS VELHITAS

Eu não professo muito o culto das ruínas.

Prefiro uma oficina às velhas barbacãs;

Das velhinhas, porém, mirradas, pequeninas,

No entanto nunca insulto as prateadas cãs.

Deixá-las caminhar, curvadas, vagarosas,

Com seu bento rosário, os seus fofos beitões,

A rirem-se de nós, cruéis, maliciosas,

Sagazes comentando as nossas ilusões!

Ah, velhitas sem cor! Cabeças regeladas,

Vulcões de que só resta a cinza e nada mais:

Já fostes as visões; talvez as brancas fadas;

Prendestes vossos pés nos húmidos rosais;

Tivestes já no olhar os bons reflexos mágicos
Dos lagos ideais cobertos de luar;
As curvas sensuais, os belos dedos trágicos;
As rosas más do inferno, os lírios bons do altar!

Prendestes já cismando as frontes melancólicas
Nas varandas à noite, amantes dos Titãs
Do belo amor antigo! Ó Márcias das bucólicas!
E agora apenas sois as mães de nossas mães!

Segui vosso caminho: as graciosas fadas,
As belas da cidade, anémicas, gentis,
Sorriem-se, talvez, das fitas desbotadas,
Dos provectos chapéus, das galas que vestis!

Oh! Mostrando os troféus das vossas velhas rosas,

Dizei-lhes, a sorrir, das fúteis ilusões,

Que fostes já, também, galantes e nervosas

Mas destes isso tudo a vários corações!

Agora tendes pouco: apenas uns lamentos

Sentidos contra nós; queixumes sem valor!

E ao mundo importam muito os vossos testamentos

E importa muito pouco a vossa imensa dor!

Batei à grande porta: os belos dias vossos,

Velhitas, bem sabeis, não podem voltar mais!

A terra ide levar, enfim, nuns tristes ossos

O resíduo fatal das coisas virginais!

ÀS VISÕES

Pois que visões! Não cessa a rápida corrida

E seja noite ou dia,

Volteadoras cruéis! Vós sempre a toda a brida

Na minha fantasia!

Parti, quimeras vãs! Arcanjos ou madonnas,

Parti, que o mando eu,

Como um bando fatal de velhas amazonas

Que o circo aborreceu!

Levai tudo convosco: as setas mais a aljava;

O angélico sorriso:

E as asas de escumilha em que eu voava

À noite, ao paraíso!

Eu quero, enfim, dormir; passar as noites gratas

Sentindo-me feliz,

No sono maquinal dos velhos acrobatas

Depois das farsas vis!

Mais tarde hei de sorrir, ou escarnecer-me quase,

Lembrando-me — é verdade! -

Que onde eu supunha aurora havia apenas gaze

E uns traços de alvaiade.

Perdão se vos insulto! Oh, não, vós sois do empíreo,

Daquele meigo azul,

Que a todos tem sorrido: a Cristo no martírio,

Na dor, ao rei de mie;

E quando vos apraz, nas asas transparentes,

Mais alto ides por certo,

Do que as deusas gentis, aéreas, insolentes,

Que vemos voar tão perto!

No entanto podeis crer ó lúcidos fantasmas

Que o século, afinal,

Oculta no esplendor não sei que vis miasmas

Que fazem muito mal!

E quando vós passais, nas horas do mistério

De estrelas revestidas,

Bebemos nós, talvez, o aroma deletério

Das rosas corrompidas!

Oh sim! Parti depressa; erguei-vos deste abismo

Arcanjos ideais,

Deixando-nos colher a flor do realismo

Nas coisas triviais!

Melancolias do Outono! Eu quando além descubro,

Nas tristezas do campo, as filas mugidoras

Dos vagarosos bois que voltam das lavouras,

Compungem-me as cruéis desolações de Outubro!

Das orlas do poente, afogueado, rubro,

Ó moribundo sol! Com que poesia douras,

As formas triviais das cabecitas louras,

Que, às portas dos casais, de bênçãos também cubro!

Solta o canto final a orquestra da folhagem:

São horas de partir; apresta-se a viagem,

E as noites dos saraus hão de voltar mais belas!

Mas as vistas lançando às regiões saudosas,

Nos esforços cruéis das tosses dolorosas,

Em bandos vão partindo as tísicas donzelas!

O VELHO MUNDO

Eu vejo em toda a Terra um vasto cemitério,

A necrópole imensa, a campa dos colossos,

Aonde em paz descansa o velho megatério,

Por entre a fauna morta, os carcomidos ossos!

E os grandes leviatãs dos primitivos mares!

Os tremendos répteis, cruéis, descomunais,

Celebram no silêncio as núpcias singulares

Dos seus resíduos vis, com ricos minerais!

E os esqueletos nus dos lívidos gigantes

Abraçam-se melhor; conchegam-se na cova,

Deixando um lugar vago aos velhos elefantes

Que vão fugindo à luz da natureza nova!

Também no mundo interno as almas vão seguindo,
Na corrente da vida, em mil circulações;
E da consciência humana o largo abismo infindo
Oculta, há muito já, disformes criações!

Elas dormem na sombra imensa do passado
Aonde em breve hão de ir nos transes doloridos,
A velha Realeza e o trémulo Papado
Sem forças descansar os corpos corrompidos.

Depois virão mais tarde as gerações futuras
E os dois espectros vãos da sombra hão de evocar,
Bem como a nossa voz, as grandes criaturas
Do mundo primitivo, obriga a despertar.

E as crianças terão seus nomes de memória,

Como exemplo, na vida, a todos os momentos;

E vê-los-eis de pé, nas páginas da história.

Grotescos, maquinais, pesados, sonolentos;

Fazendo-nos pensar; de espanto enchendo tudo;

Sofrendo o riso alvar do ingénuo e do plebeu,

Iguais ao mastodonte armado para estudo

E exposto às irrisões nas salas dum museu!

Eis a velha cidade! A cortesã devassa,

A velha imperatriz da inércia e da cobiça,

Que da torpeza acorda e à pressa corre à missa!

Baixando o olhar incerto em frente de quem passa!

Ela estreita no seio a velha populaça,

Nas vis dissoluções da lama e da preguiça,

E nunca o santo impulso, o grito da Justiça,

Lhe fez estremecer a fibra inerte e lassa!

E pode receber o beijo e a bofetada

Sem que sinta o rubor da cólera sagrada

Acender-lhe na face as duas rosas belas!

Somente dum sorriso alvar e desonesto,

As vezes, acompanha o provocante gesto

Quando soa a guitarra, à noite, nas vielas!

À NOITE

Eu gosto de velar a percorrer os mundos

Ó noite dos bons cânticos,

Aos lívidos clarões dos astros vagabundos

Nos êxtases românticos,

Enquanto a vil cidade, a cortesã devassa

Dos falsos ouropéis,

Com seus famintos cães, a sua lua baça

E os seus negros bordéis,

Ressona torpemente aos beijos deletérios

Dalguns velhos amantes;

— os longos hospitais e os tristes cemitérios

Que a afagam delirantes!

Contudo eu também sei que existe muito instante

De gelos, em que tu,

Feroz, cravas o dente agudo e penetrante

No pobre seio nu!

Que há horas em que vens, nas húmidas cidades,

Nas choças, nos esgotos,

Cuspir cinicamente as frias tempestades

No seio vil dos rotos,

Sem ter pena, sequer, da pobre mãe que passa

Um dia sem ter pão,

Nem dessa esfarrapada e velha populaça

Que rosna como um cão!...

Mas em breve deixando as tenebrosas vestes,

O manto dos horrores,

E o gládio vingador das cóleras celestes

Ó noite dos amores,

Retomas o tom puro e santo do mistério

Da pálida mulher

Que vai colher, cismando, um lírio ao cemitério

E ao campo um malmequer!

Em horas de tormenta és a mulher colérica!

Até cospes na cruz!

E formam-te espirais na coma atmosférica

As víboras de luz!

Porém no teu regaço, altivo, casto, enorme,

Em doce e plena paz,

É que a virtude sonha e que a desgraça dorme

Depois das horas más,

E em lúcidos cristais há cintilantes vinhos;

Os casos mais galantes;

As lânguidas canções; os belos desalinhos

E os gestos provocantes!

Ó filha do silêncio! Aos puros alabastros

Dos ombros ideais,

Se Deus arremessasse a quantidade de astros

Que em ti brilham a mais,

As pálidas visões que passam doloridas,

E um tanto contristadas,

Haviam de surgir de estrelas revestidas

Em trajos de alvoradas!

Em ti cuida escutar uns sons inexprimíveis

De lânguidas canções,

O pobre sonhador de coisas impossíveis

Que adora as solidões!

E quando o resplendor de mundos luminosos

Na tua fronte cinges,

Os gatos sensuais, elétricos, nervosos

Repousam como esfinges;

Enquanto as combustões dos lívidos cometas,

Errantes e fatais,

Consomem lentamente as grandes borboletas

Dos nossos ideais!

A VALA

Trazei mortos à vala; a hidra está com fome

E deve ser-lhe longa a hora em que não come!

Olhai como ela mostra àqueles que a vão ver,

Inerte, sem pudor, de fauce escancarada,

A amargura cruel da boca desdentada

Que pede de comer!

Lançai ao monstro informe algum repasto novo!

Trazei-lhe carne humana; arremessai-lhe o povo,

Transido pelo frio ou morto pelo sol!

E visto haver na fera abismos insondáveis

Mandai-lhe as legiões dos grandes miseráveis

Que morrem sem lençol!

Eu quero vê-la farta, a lúgubre pantera,

Que, na sombra agachada, olhando em roda, espera

A presa que lhe inveja a gula dos chacais.

Começa a ouvir-se ao longe a marcha vagarosa

Da triste procissão cruel e dolorosa

Que vem dos hospitais.

Um velho esquife chega: em duas tábuas toscas

Um pobre seminu coberto já de moscas,

Num riso deixa ver não sei que tons cruéis!

Enquanto nos sorria a luz das noites belas,

Talvez que ele varresse a lama das vielas

E o lixo dos bordéis!

E pôde, enfim, dormir no seio bom da morte!

Após, como se fora a lívida consorte

Daquele vil despojo, às mesmas horas vem,

Trazendo por sudário os seus vestidos rotos,

Uma triste mulher caída nos esgotos

Sem bênçãos de ninguém!

Devora-os ambos fera! Engole-os juntamente:

Reúne-os em consórcio e dá-os de presente

À larva que partilha as ânsias do teu ser!

Aguça o teu desejo! — A garra infecta lança

Ao corpo tenro e nu duma gentil criança

Que a mãe te vem trazer!

Redobra de apetite! Alonga-se a teu lado

A fila tenebrosa! O espectro do soldado

A par do que vergou cansado de cavar:

E o mineiro sem luz, o mártir legendário;

E amparando-se a custo ao velho proletário

A flor do lupanar!

Mastiga a turba vil e alonga essa goela!

Bem vês que vem chegando um corpo de donzela

Que pela candidez recorda uma vestal!

Voou-lhe, num sorriso, o derradeiro arranco

E traz viçoso ainda um grande lírio branco

No seio virginal!

O monstro sensual na sombra tripudia!

Celebra no silêncio a tenebrosa orgia,

Que as Deusas vêm chegando ao lúbrico festim!

Num beijo os lábios cola à frígida epiderme

E o D. Juan da morte, o cavalheiro Verme,

Que viva e goze enfim!

Eu quero ver-te farta, em hálitos profundos,

Dormindo o sono vil dos animais imundos,

De ventre para o ar, serpente infecta e má!

E amanhã, na estação dos cândidos amores,

Veremos rebentar num tapete de flores

O lixo que em ti há!

E a santa mocidade; as lânguidas mulheres,

Virão depois colher os gratos malmequeres,

Pisando-te sem medo e cheias de desdém,

Em danças sensuais; o fato em desalinho;

Compondo-te canções; regando-te de vinho;

Sem pena de ninguém!

E tu que és monstruosa, infame, vil, medonha;

Que não mostras pudor; que não sentes vergonha;

Que és a campa-monturo e não podes ser mais;

Cingida enfim, também, de rosas orvalhadas,

Terás dado um perfume às almas namoradas,

E pasto aos animais!

Ó vultos ideais, fantásticos e belos,

Que às vezes revoais nas salas deslumbrantes,

Num grande mar de tule, etéreas, flutuantes,

Aos suspiros fatais dos meigos violoncelos;

Que bom que era sonhar nos pálidos castelos,

À noite, à beira-mar, nas solidões distantes,

Nos tempos em que a flor dos tímidos amantes

À lua confiava os íntimos anelos! ...

Agora sois gentis, dispépticas, vistosas;

Pagais por alto preço as esquisitas rosas;

Nos rápidos wagons correis o mundo em roda;

Mas prostradas do baile, amarrotando a luva,

Enquanto cai na rua a sonolenta chuva,

Cismais no Deus-Milhão — no Criador da moda!

Eu vejo em tua boca as pétalas vermelhas

Duma rosa de Logo aonde vão libar

O mel das ilusões, quais tímidas abelhas,

Uns velhos ideais que em vão tento expulsar.

Dizer-me podes tu de que óvulo espontâneo,

Tocado pelo sol, em mim pôde nascer

Este bando cruel que dentro do meu crânio

Não faz há muito já senão roer, roer?!

Às vezes voa ao largo; às serras, às campinas;

Remonta aos astros bons; torna a descer dos céus;

E volta a demolir as trémulas ruínas

Do templo onde crepita a luz dos dias meus!

Ó grande flor suave! E nisto se resume

A constante batalha, o sempiterno afã!

Aspira a minha essência ao teu grato perfume;

Soçobra o dia de hoje ao dia de amanhã!

Oh, volvamos à terra; aos plácidos lugares,

Aonde os himeneus fecundos e reais

Produzem, dia a dia, os fetos singulares

E as sãs vegetações dos cândidos rosais!

E o que há de etéreo em nós, que siga as breves fases

Dum fluido transitório, erguendo-se nos céus,

Nas grandes expansões dos fugitivos gases

Onde em línguas de fogo às vezes fala Deus.

Forçoso é separar os dois rivais antigos,

Na batalha cruel que em nós se reproduz.

Sorria o que é da terra aos vegetais amigos;

Rebrilhe o que é do céu nas refrações da luz!

NOS CAMPOS

A fragrância do trevo e das flores selvagens

Da noite embalsamava as tépidas bafagens:

Ao longe os astros bons olhavam-nos dos céus.

O mundo era um altar; as serras grandes aras;

E os cânticos da paz corriam nas searas

Em honra do bom Deus.

No solene silêncio imersa ia minha alma

Em tranquila mudez; naquela doce calma

Que sente germinar os frescos vegetais.

De súbito uma voz deixou-me um pouco extático:

Detive-me um momento; olhei: — era o viático!

De noite a horas tais,

Que andava Deus fazendo, assim, pela campina,

Trazido pela mão dum padre sem batina

Roubado às sensações dum longo ressonar?

Fui seguindo o cortejo até que numa choça

O Rei dos reis entrava: o padre, com voz grossa,

Movia-se a rezar.

Nos restos duma enxerga, ali, no vil casebre,

Um pobre cavador, mordido pela febre,

Torcia as grossas mãos nas ânsias do estertor;

E os filhos seminus sentindo a pena ignota

Tentavam-se esconder na velha saia rota

Da mãe louca de dor!

A voz do sacerdote a custo ressoava.

A palavra de amor que ali se precisava,

Não posso dizer bem se acaso ele a soltou.

Falava o Deus severo e forte dos castigos,

Ou esse bom Jesus que aos pés dalguns mendigos

Um dia ajoelhou?

Do padre tinham medo os trémulos pequenos.

Os magros cães fiéis erguendo-se dos fenos

Latiam tristemente em volta do casal:

E o levita lançava àquela noite escura

A bênção derradeira, erguendo a mão segura,

Num gesto maquinal!

Depois transpondo, à pressa, a porta da cabana,

Saía sem deixar da sã verdade humana

O bálsamo suave, o dom consolador!

Oh, decerto o Jesus de que nos falam tanto

Não era o que deixava ali, naquele canto

Sozinha a mesma dor!

Sorria Deus, no entanto, em toda a natureza!

Nas florestas, no vaia, nas serras, na devesa,

Nas moitas dos rosais, no movediço mar!

O constelado azul dir-se-ia um santuário!

Havia aquele albergue apenas solitário,

E frio o pobre lar!

E o rude agonizante, o triste moribundo

Que em breve ia partir; abandonar o mundo;

Os seus deixando sós, na terra, sem ninguém,

Talvez ao pressentir o fim da insana lida

Soltasse maldições, ainda, contra a vida

E contra nós também!

E eu lembrei-me então daqueles bons valentes

Que lutam todo o dia e vão morrer contentes

À noite, ao pé dos seus, depondo os vãos lauréis;

E daqueles, também, de frontes requeimadas

Que pela causa santa, em pé, nas barricadas,

Se batem contra os reis!

Lembraram-me os heróis, serenos, bons, austeros,

Que sagram toda a vida aos ideais severos

Da justiça e do bem; caindo com valor,

Sem que a dextra cruel dos déspotas os dome

Nas batalhas da ideia; opressos pela fome,

Varados pela dor!

Ó pobres multidões! As grandes noites frias

Não cessam de morder, famintas e sombrias,

Num banquete nefando os Vossos corpos nus!

E o lírio da justiça, a grande flor sagrada,

Nem sempre mostra, em vós, aberta e desdobrada,

As pétalas de luz!

Eu quando porém lanço as vistas ao futuro

E vejo dia a dia a despontar mais puro

O grande sol da ideia, em rúbidos clarões,

Recordo-me que sois a produtiva leiva

Aonde já circula uma opulenta seiva,

De grandes criações!

O ÚLTIMO D. JUAN

Daquele de quem falo, as sossegadas lousas

Podiam-vos contar as violações brutais!

A gula com que morde as mais sagradas cousas

De horror faz recuar os trémulos chacais.

Não descanta à viola, à noite, os seus enleios:

Ele vive na sombra e eu sei também que vós,

Gentis belezas de hoje, á astros dos Passeios,

Lhe não lançais, a furto, a escada de retrós.

Mas sede muito embora as virgens sem desejos,

As monjas virginais, uns pudicos dragões;

Fechai o níveo colo aos vendavais dos beijos,

E às noites de luar os vossos corações;

Um dia há de chegar em que ele, informe, tosco,
Sem garbo, sem pudor, grotesco, infame, vil;
Nas grandes solidões irá dormir convosco,
Mordendo em cada seio o lírio mais gentil!

E o que ele adora muito ó virgens romanescas
Não é o que abrigais de etéreo e virginal:
Adora os corpos nus; as belas carnes frescas;
Deixando o resto a vós danados do ideal!

Não vive como nós de cândidas mentiras:
Não comunga do amor esse ilusório pão:
Devora com fervor as pálidas Elviras
E em muitos seios bons dá pasto ao coração!

Tem palácios na sombra e fazem-lhe um tesouro

Maior do que o dos reis; adora as solidões:

Não usa de espadim; não traz esporas de ouro;

Mas vive como os reis das grandes corrupções!

Flores sentimentais! Treinei do paladino,

Do velho D. Juan, feroz conquistador,

A quem da vossa boca um hálito divino,

Em vida, faz fugir talvez cheio de horror;

Mas que um dia virá, na cândida epiderme,

Na sagrada nudez dos colos virginais,

Em hinos de triunfo — o grande César-Verme! -

Colher o que ficou de tantos ideais!

Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas

A aérea multidão de fadas quebradiças,

Gentis aparições dos bailes e das missas,

Desliza no fulgor das pompas sedutoras.

No arfar da casimira há frases tentadoras

E maciezas tais nas lânguidas peliças,

Que as tristes comoções, decrépitas, mortiças,

Ressurgem do letargo á pálidas senhoras!

E muitos hão de ter uns êxtases divinos

Ouvindo soluçar, à noite, aos violinos,

A vaga introdução duma balada aérea;

Enquanto, do futuro, ao toque da alvorada,

Se escuta, a martelar na sua barricada,

Sinistra, rota e fria, a lívida Miséria.

ANTIGO TEMA

Passai larvas gentis na rua da cidade

Aonde se atropela a turba folgazã;

A noite é um tanto agreste e cheia de humidade

Mas o tédio mortal precisa a claridade

Que em vosso olhar trazeis, visões do macadam!

Estátuas sem calor! Vós sois das grandes vasas

Dum corrompido mar as Deusas menos vis!

Se à noite abandonais, voando, as pobres casas,

E vindes pela rua enlamear as asas,

Quem sabe a fome oculta, as sedes que sentis!

A pálida Miséria em seu triste cortejo

Precisa as contrações de muitos ombros nus:

E vós ides sorrindo ao lúbrico desejo,

Do carro da desgraça arremessando um beijo

Que apenas é de lama em vez de ser de luz!

Embora! Caminhai deixando um grande rastro

De estranhas emoções, de aromas sensuais:

E ao pobre que mendiga a palidez dum astro;

Ao que sonha visões e arcanjos de alabastro

Fazei por despenhar nos longos tremedais!

Do velho idílio, a musa, há muito já que dorme,

E o arroio em vão suspira e chora a nossos pés!

A grande multidão — a vaga, a onda enorme,

Que oscila sem cessar, e gira multiforme

Às corridas, ao circo, ao templo e aos cafés,

Talvez ao pressentir que tudo, enfim, declina,

Adore a imensa luz, em vós, constelações,

Que não baixais do céu; que vindes duma esquina,

Vagando no rumor da aérea musselina,

Em plena bacanal fingindo de visões?

Oh, sois do nosso tempo! A lânguida existência

De tédios se consome e sente febres más!

Aspira ao que é bizarro: a uma esquisita essência

Que exala aquela flor que vem na decadência

E quando a toda a luz sucede a luz do gás!

Do século a voz rude apenas diz — trabalha! -

Ao poste vil amarra o lúbrico ideal

Que expira, enfim, talhando a fúnebre mortalha

Na vossa trança gasta, ó musas da canalha

Que apenas revoais do olimpo ao hospital!

A MÃE

Eu canto-vos, mulher, porque vos tenho visto

Na pálpebra vermelha a lágrima de amor,

Que vem de Eva a Maria — a doce mãe de Cristo -

Formando a estalactite imensa duma dor!

Oh, quantas vezes já na aldeia miserável

Nas tristezas do campo, às portas dos casais,

Vos tenho surpreendido, em êxtase adorável,

Enquanto os filhos nus ao peito conchegais!

A fria noite chega. Os maus, de boca cheia,

Rebolam-se na terra: ainda pedem pão!

Com eles repartis a vossa parca ceia;

E vendo-os a dormir podeis sorrir então.

De inverno quase sempre as noites são mordentes.

Uivam lobos na serra: o vento uiva também:

Mas eles vão dormindo os longos sonos quentes,

Enquanto a vil insónia oprime a pobre mãe!

Tendes sustos cruéis. Temendo que lhes caia

A roupa que os abafa, aos pobres acudis;

E aninhando-os melhor nas vossas velhas saias

Podeis então dormir um tanto mais feliz.

Mulher quanto é suave e longo esse poema

Quanto é preciso ó mãe, no trânsito cruel,

Que vossa alma estremeça e o vosso peito gema

A fim de que em vós brilhe o mais alto laurel!

Quem é que nunca viu, na rua, a cada passo,

A pálida mulher que rompe a multidão,

Trazendo agasalhado, um filho no regaço,

E aos tombos, muita vez, um outro pela mão?!

Nos frios do lajedo, às vezes, pede esmola

Às portas dos cafés: ninguém a quer ouvir:

E a ela qualquer côdea a farta e a consola

Contanto que sem fome os filhos vão dormir!

E enquanto à luz do gás a turba prazenteira

No fumo dos festins revoa em turbilhão,

Quantos dramas cruéis nas húmidas trapeiras;

Nos campos quantas mães sem roupas e sem pão?!

E sempre a mesma lenda, a mesma história antiga:
Do palácio à cabana o vosso doce olhar,
Nas insónias cruéis, na fome ou na fadiga,
Dum raio criador o berço a iluminar!

No entanto à doce mãe, se aquele amor sem termo,
Da moda traja agora os novos ouropéis,
E o vosso coração já gasto e um pouco enfermo,
Sofrendo se dilui nos ideais cruéis;

Nas vagas pulsações dumas recentes ânsias,
Se aquela santa flor das grandes comoções,
Apenas tem lugar nas vossas elegâncias,
Como um enfeite de mimo amado nos salões;

Na corrente fatal que ao longe arrasta os povos,

Se o vosso grande afeto intenta erguer-se mais,

Sonhando a sagração dos heroísmos novos,

Resplendente de luz; vistosa de metais:

Aos reflexos do gás, ó mãe, abri passagem

Por entre a saudação das alas cortesãs,

Levando as seduções da vossa doce imagem

Aos delírios da noite, às ceias das manhãs!

Surgi do canto obscuro aonde o casto seio

Palpita ingénuo e bom na paz da solidão,

E o vosso amor levai à ópera e ao passeio

A fim de que ele arranque um bravo à multidão!

E eu hei de rir ao ver que o peito onde um tesouro

Maior do que nenhum podemos encontrar,

Intenta seduzir pela medalha de ouro

Que aos pequenos heróis os reis costumam dar!

Arcanjo vai-te embora: é tarde: em nossas casas

Talvez alguém se aflija; é tão deserta a rua!...

Tu deves sentir frio! Embuça-te nas asas:

Dá saudades à lua.

Um beijo em cada estrela! ... Espera que eu sou louco!

Sonhei devo pagar: perdão anjo dos céus!

Agora tem cuidado; o céu escorrega um pouco:

Boas noites adeus!

SANTA SIMPLICIDADE

Na serena missão de paz que tu cumpriste

Ó suave Jesus, ó doce galileu,

Que santa singeleza e que perfume triste

Do Teu casto perfil no mundo rescendeu!

Havia no Teu verbo aquela unção divina

Que a velha harpa de Job soltou nas solidões,

E o belo, o puro sol da antiga Palestina

Suave contornou, de luz, Tuas feições!

Compunham-Te o cortejo uns pobres pescadores

Almas retas e sãs; marchavas por Teu pé,

E sorrias falando aos rudes e aos pastores,

Sentado nos portais da pobre Nazaré.

Da Tua Galileia os vales percorrias

Levando um bom quinhão de afeto a cada lar,

E o grande olhar suave e terno das judias

Turbaste muita vez, decerto, sem pensar!

E mais simples na morte, apenas a Tua alma

Transpunha as regiões puríssimas do sol,

Tu que havias colhido a imorredoura palma

Não tinhas para o corpo as galas dum lençol!

Consola-te ó Jesus! Tu deves já ter visto

Que sobre a Terra, agora, ao Teu nome fiéis,

Os que se dizem ser apóstolos de Cristo

Não precisam trajar os ínfimos buréis.

Não maceram seus pés! Não vão pobres e rotos

Envoltos na estamenha, apedrejados, sós,

Nos desertos viver de mel e gafanhotos,

Convertendo o gentio ao som da sua voz.

Ante eles, ao contrário, alargam-se os batentes

Dos palácios reais, nas grandes receções,

E formam-lhes cortejo os coches reluzentes

Atrás dos quais se bate um trote de esquadrões!

Cobrindo-lhes, depois, de insígnias as roupetas,

A fim de honrar melhor a primitiva fé,

Redobram-se ainda mais as velhas etiquetas;

Polvilham-se melhor os homens da libré!

E dão-se-lhes festins onde há grandes baixelas,

Fatais cintilações de vinhos e rubins,

Gargantas ideais, grandes espáduas belas,

Lampejo de cristais, insídias de cetins!

Oh! Temo bem Jesus que tantas pedrarias

Façam peso de mais na barca do Senhor,

Quando é certo que as mãos de Pedro um pouco frias

Mal podem segurar o leme salvador!

Por isso quando avisto o espaço que negreja

E o mar que se encapela, eu temo que amanhã

Do fendido baixel da Tua velha Igreja

Apenas reste, à proa, uma ficção pagã!

O velho Olimpo dorme o bom sono comprido

Que prostra o lutador no fim duma batalha,

E os Deuses doutro tempo, em lívida mortalha,

Descansam no torpor dum mundo corrompido.

No puro céu cristão, de estrelas revestido,

No entanto há muito já que chora e que trabalha,

Por nós o Cristo bom sem que seu Pai lhe valha,

A fim de ver, de todo, o mundo redimido!

Justiça, traça o manto alvíssimo e estrelado

E senta-te, mulher, no trono abandonado

Pelos vultos gentis de tantos deuses velhos!

Depois inda maior, mais pura e mais serena,

No sangue de Jesus molhando a tua pena

Explica a nova lei no fim dos evangelhos!

OS PALHAÇOS

Heróis da gargalhada, ó nobres saltimbancos,

Eu gosto de vocês,

Porque amo as expansões dos grandes risos francos

E os gestos de entremez,

E prezo, sobretudo, as grandes ironias

Das farsas joviais.

Que em visagens cruéis, imperturbáveis, frias.

À turba arremessais!

Alegres histriões dos circos e das praças,

Ah, sim, gosto de vos ver

Nas grandes contorções, a rir, a dizer graças

De o povo enlouquecer,

Ungidos pela luta heroica, descambada,

De giz e de carmim,

Nas mímicas sem par, heróis da bofetada,

Titãs do trampolim!

Correi, subi, voai num turbilhão fantástico

Por entre as saudações

Da turba que festeja o semideus elástico

Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aéreo,

Fazei por disparar

Na face trivial do mundo egoísta e sério

A gargalhada alvar!

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,

Pregai-lhe, se podeis,

Um pontapé furtivo, ó lívidos palhaços,

Luzentes como reis!

Eu rio sempre, ao ver aquela majestade,

Os trágicos desdéns

Com que nos divertis, cobertos de alvaiade,

A troco duns vinténs!

Mas rio ainda mais dos histriões burgueses,

Cobertos de ouropéis,

Que tomam neste mundo, em longos entremezes,

A sério os seus papéis.

São eles, almas vãs, consciências rebocadas,

Que enfim merecem mais

O comentário atroz das rijas gargalhadas

Que às vezes disparais!

Portanto, é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,

Nas cómicas funções,

Até fazer morrer, em desmanchados gestos,

De riso as multidões!

E eu, que amo as expansões dos grandes risos francos

E os gestos de entremez,

Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos:

Eu gosto de vocês!

A HIDRA

Há muito que desceu das orientais montanhas

A hidra singular que espalha nas ardências

Duma luta febril cintilações estranhas!

Ela galga, rugindo, às grandes eminências,

E enquanto vai soltando o silvo pelo espaço

Engrossa à luz do sol na seiva das consciências.

Tem rijezas sem par, como de roscas de aço

E corre descrevendo em giros caprichosos

Na leiva popular um indefinido traço.

Prefere aos antros vis os focos luminosos

E em mil voltas cruéis aperta dia a dia,

Numa longa espiral, os tronos carunchosos.

Passou pelo país da cândida Utopia:

Nos míticos rosais viveu dum vago aroma

Ao pálido fulgor da aurora que rompia.

Mas hoje com valor em toda a parte assoma,

E sem temer sequer a lúgubre viseira

Há muito que transpôs os pórticos de Roma.

E os Papas mais os reis sentindo-a na carreira

Do seu longo triunfo, um tanto apavorados,

Trataram de acender a lívida fogueira.

E ao galope lançando os esquadrões cerrados

Começaram depois, na terra, a persegui-la,

A cúmplice fatal dos lívidos Pecados!

Mas ela sem temor, nos cérberos tranquila,

Derrama cada vez mais belos e fecundos

Os intensos clarões da lúcida pupila,

E enquanto a imprecação de tantos moribundos,

Os déspotas cruéis, acolhem com desdém,

A hidra imensa — a Ideia — a farejar nos mundos

Ainda a garra adunca afia contra alguém!

OS NOVOS LEVIATÃS

Dos antigos Titãs, o mar — fera indomável,

Agora verga o dorso ao peso colossal

Dos novos leviatãs que em bando formidável,

Nas grandes explosões da cólera insondável,

Já levam de vencida o abismo e o vendaval!

Eles seguem no mar, altivos no seu rumo,

Em hálitos de fogo, à nossa voz fiéis,

E como o combatente erguendo a lança a prumo,

Em turbilhões rompendo, as flâmulas de fumo

Ostentam sem cessar correndo entre os parcéis!

Que sopro criador, que força omnipotente

Os fez surgir do nada, os monstros colossais?

O novos leviatãs provindes tão-somente

Do fecundo himeneu, deste conúbio ardente

Do Génio e do Trabalho, amantes imortais!

Correis de mar em mar, altivos, triunfantes,

Levando a toda a parte a vida, a nova luz,

E as sereias gentis não fazem como dantes,

Ao som da sua voz, perder os navegantes;

O dorso dos delfins, no mar, já não reluz!

Ó alma antiga dorme inerte no regaço

Dos velhos deuses vãos, que o homem criador

Agora ri de ti, prostrada de cansaço,

Enquanto vai soprando em mil gigantes de aço

Outra alma inda mais larga — o novo Deus-Vapor!

Sua alteza real o pequenino infante

Matou, dum tiro só, dois gamos na carreira:

Um hino mais ao céu, pois era a vez primeira

Que sua alteza vinha à diversão galante!

O vergôntea gentil! Quando um tropel distante

De súbito acordar os ecos da clareira

E uma presa cansada, em rolos de poeira,

Varada, a nossos pés, cair agonizante,

Acercai-vos então da pobre fera exangue

Que estrebucha de dor num mar de lama e sangue

Sem que uni grito de dó nos corações acorde!

No entanto não fiqueis na doce glória absorto:

O velho javali parece às vezes morto

Mas surge da agonia e os seus algozes morde!

VERSOS A *

Eu sou, mulher suave, aquele antigo louco,

O triste sonhador que o teu olhar cantou,

E que hoje vai sentindo, o sonho, a pouco e pouco,

Fugir como o luar dum astro que expirou!

Que morra, porque, enfim, bem longo ele tem sido

E tempo é já, talvez, da Morte desposar

O sonho que em minha alma entrou como um bandido

E só da vida sai depois de me roubar!

Eu devera amarrá-lo à braga do forçado,

Como a Justiça faz aos desprezíveis réus,

E lançá-lo depois à vala do passado

Aonde o fulminasse a cólera dos céus.

Mas não; quero embalar-lhe os últimos momentos

Ao som duma canção das quadras juvenis,

E amortalhar depois — em doces pensamentos -

No manto da saudade, os seus restos gentis.

E quando ele seguir às regiões saudosas,

Aonde todos nós iremos repousar,

Ao esquife hei de atirar-lhe as derradeiras rosas

Que dentro da minha alma houver por desfolhar!

Ninguém profanará seus restos adorados,

Que em paz irão dormir num fundo mausoléu;

E quando alguma vez já hirtos, regelados,

Acordem, porventura, à luz que vem do céu;

Em vão tu baterás, ó sonho, à fria porta

Que em breve hás de sentir fechada sobre ti,

Porque a tua Memória, enfim, já estará morta,

E não te escutarei... Porque também morri!

Ó pobres versos meus, lançai-vos pela estrada

Agreste e pedregosa, aonde os companheiros

Da luta, encontrareis, meus ínfimos guerreiros,

Formando os batalhões da bélica avançada!

E o trajo em desalinho, a face iluminada,

Transponde, sem demora, os fossos derradeiros

Que separam de nós os braços justiceiros

Da serena Verdade, a deusa idolatrada.

Vencidos no combate, ou pouco ou nada importa,

Ao chão vergai sem pena a face semimorta,

Mordendo, inda a lutar, o pó da enorme liça:

E tudo, enfim, esquecendo: os ódios e os desprezos;

Que de entre vós alguns, ao menos, fiquem presos

Como fios de luz, ao manto da Justiça!